

Tradução: Uma Abordagem Teórica

Angela Reis Timoneda¹

RESUMO

Este artigo trata do campo da tradução sob uma perspectiva teórica, referindo-se tanto à tradução por si só quanto à figura do tradutor, às notas de tradução e também à importância que se deve dar ao autor do texto que se está traduzindo. Ressalta-se também a importância do tradutor em não apenas traduzir, mas em interpretar o texto original, para que eventualmente se faça uma leitura mais satisfatória e proveitosa do texto traduzido. Para isso, foi citada a postura contrária que a professora doutora Rosemary Arrojo adquire quanto à teoria logocêntrica de tradução, a qual afirma que o trabalho do tradutor resume-se em traduzir palavras de uma língua para outra, o que conseqüentemente contribui para que sua função seja inferiorizada. Arrojo adquire, assim, uma postura desconstrutivista em relação ao ato tradutório.

Palavras-chave: Tradução. Texto original. Texto traduzido. Logocentrismo. Teoria Desconstrutivista. Interpretação.

Introdução

O tradutor, para que possa desempenhar de maneira satisfatória o seu trabalho, deve levar em consideração não só as construções sintáticas, fonéticas e idiomáticas do texto original, mas também a cultura da sociedade na qual o texto original foi originado.

Realizada paralelamente a outro ofício, ou então em período integral, a tradução é uma atividade na qual não há sempre certezas e sucessos, até porque essa é uma atividade, na grande maioria das vezes, individual, não existindo, portanto, regras ou delimitações que o tradutor deva seguir. Entretanto, muitas vezes o profissional se vê

¹ Graduada em Letras - Habilitação Tradutor pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e professora de inglês.

¹ Graduada em Letras - Habilitação Tradutor pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e professora de inglês.

impossibilitado de utilizar em sua tradução uma estrutura ou um termo que considerou mais apropriado, devido às imposições editoriais a que é submetido.

Em *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*, Rosemary Arrojo define uma postura que vai contra a perspectiva logocêntrica de tradução, a qual vê o tradutor como um mero profissional que passa as palavras do texto original para palavras traduzidas no texto que então se originou, sem se preocupar em interpretar o texto para que este pudesse se tornar mais compreensível a seus eventuais leitores. Arrojo, por outro lado, demonstra importância ao tradutor, afirmando sua identidade no texto que traduz. O logocentrismo, portanto, vê a tradução como algo inferior, que tem apenas a função de indicar a presença de algo anterior a ela, o texto original, o qual é priorizado.

A interpretação do texto original ao invés da simples passagem de significados de uma língua para outra reflete muito em como o público leitor vai reagir em relação a um texto traduzido, uma vez que estes leitores buscam uma leitura semelhante à leitura que fariam de um texto original.

O tradutor também deve estar atento, sobretudo, ao estilo, às considerações e às escolhas lexicais do autor do texto original, pois elas indicam a sua forma de pensar e a sua visão de mundo.

Ainda na mesma obra, Rosemary Arrojo cita alguns teóricos e a maneira como cada um deles considera a tradução, além de citar como ela própria vê o ato tradutório, como na metáfora utilizada no exemplo da festa em que se escolheria a fantasia de Cleópatra que mais se identificasse com a original. Arrojo afirma que, embora existissem fantasias que muito se assemelhassem à Cleópatra, não haveria uma fantasia que fosse idêntica à Cleópatra original, trazendo, em seguida, esse exemplo ao campo da tradução. Arrojo cita também a tradução de Horácio, feita por Thomas Drant, na qual ele afirma ter raspado os cabelos e cortado as unhas do texto original, eliminando tudo que considerava supérfluo no mesmo. Desta forma, Drant estaria assumindo uma postura de apropriação do texto, ainda que tenha sido fiel às intenções do autor.

Quando está exercendo o seu ofício, o tradutor pode valer-se de diferentes métodos de tradução, como a tradução literal, a tradução fiel, a adaptação, a tradução idiomática, a tradução comunicativa, dentre outros.

Tradução sob uma Perspectiva Teórica

A tradução

Ao passar uma obra (seja de qualquer natureza: técnica, literária, científica) de uma língua para outra, o tradutor está passando não só a informação contida no texto em questão, mas também uma cultura referente a uma nação distinta, uma vez que toda língua é o receptáculo de sua cultura, além das considerações ponderadas pelo autor do texto a ser traduzido. Para que uma tradução se adeque de tal forma que sua linguagem permaneça o mais próximo possível da utilizada na língua fonte e que seus receptores leiam e compreendam perfeitamente essa tradução, outros fatores também devem ser levados em consideração, tais como as propriedades sintáticas, idiomáticas e fonéticas da língua do texto original.

No trabalho exercido pelo tradutor, não se pode afirmar que haja sempre certezas e sucessos, pelo motivo de que o ato tradutório se faz, na grande maioria das vezes, individualmente. Não há, portanto, regras ou delimitações quanto às ações e ao processo mental que levou o tradutor a escolher este ou aquele termo lexical que considerou mais pertinente para sua tradução. No entanto, muitas vezes o tradutor se vê impossibilitado de utilizar uma estrutura ou palavra que lhe veio à mente em primeira instância devido às imposições editoriais a que ele é submetido, que muitas vezes o levam a adaptar ou remodelar o texto que traduziu, tais como imposições do autor e da respectiva editora de sua obra. Nesses casos, mesmo se o tradutor sentir necessidade de adaptar um termo ou de fazer uma breve alteração no texto, não poderá fazê-lo, uma vez que está limitado às regras de uma entidade exterior.

Em *Oficina de Tradução - A Teoria na Prática*, Rosemary Arrojo cita a obra de Pierre Menard, personagem fictício criado pelo escritor argentino Jorge Luis Borges, para exemplificar os princípios da tradução defendidos numa visão tradicionalista, cujo teórico pioneiro é Alexander Fraser Tytler. Menard acredita que seja possível traduzir um texto reproduzindo de forma completa as ideias, o estilo e a naturalidade referentes ao texto na língua de partida, ou seja, reproduzir na íntegra o texto escrito na língua fonte. Fica claro o posicionamento oposto que Arrojo assume diante essa postura principalmente pelo exemplo que ela dá referente à festa na qual seria eleita a fantasia de Cleópatra que mais se identificasse com a original. A partir desse exemplo, a autora mostra que seria impossível

uma representação da Cleópatra que fosse idêntica à Cleópatra original, pois se leva em consideração tanto a época quanto o lugar em que a festa é feita, como também os costumes da sociedade que promove tal festa.

Rosemary Arrojo, em *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*, define uma posição de contrariedade diante da perspectiva logocêntrica, que vê o texto original como algo priorizado e a tradução como algo inferior, a qual tem o mero papel de representar e substituir os significados expressos no texto original. Isso fica claro na comparação que ela faz entre as relações signo/referente e tradução/ “original”. O signo representa “aquilo que deveria estar presente e, nessa representação que é também uma ausência, usurpam o lugar do ‘original’” (ARROJO, 1993, p. 72). Sua concepção está ligada ao da tradução, a qual “apenas representa e substitui” o conteúdo expresso no original (ARROJO, 1993, p. 72). De acordo, ainda, com a proposta logocêntrica, a tradução é dita secundária porque é feita num tempo, numa língua e numa cultura distintos do original.

O teórico Jacques Derrida atribui ao signo uma concepção de “agente de adiamento da presença” (ARROJO, 1993, p. 72), que adia o que se quer significar, a referência que se deseja fazer.

Segundo Arrojo, o lugar do original e o da tradução sempre serão distintos, e a tradução é vista como um agente substituto de significados que tem a função de indicar a presença de algo anterior a ele, embora este nunca possa ser apresentado em sua totalidade. O *insight* saussuriano, por sua vez, afirma que é especificamente essa relação de diferença e de arbitrariedade que define todo processo de significação.

Arrojo afirma também que a representação da totalidade do original, algo tão sonhado pelos logocêntricos, não está presente nem na tradução e nem mesmo no próprio original, ainda que dentro de uma única língua, pois nem o original será imune à leitura e à mudança de contexto, uma vez que, cada pessoa que o lerá, poderá compreendê-lo de forma distinta. Essa concepção desestrutura o ponto de vista logocêntrico de origem e plenitude de uma tradução, como desestrutura também a crença de que os significados são “estáveis e independentes no jogo linguístico.” (ARROJO, 1993, p. 75). A partir dessa afirmação, de que não há uma totalidade presente nem mesmo no próprio original, a tradução passa a ser vista, de acordo com Shoshana Felman, como “uma forma de *desconstrução*, ou seja, uma forma de desmontar uma percepção ou compreensão ilusória da história” (ARROJO, 1993, p. 76). De fato, a tradução não pode constituir um mero

amontoado de significados, pois “já é ‘passagem e travessia’, podendo ser ela mesma ‘apenas em sua diferença’”, como afirma Roland Barthes (ARROJO, 1993, p. 78).

A autora cita o teórico Paul de Man, o qual afirma que a tradução é “o desempenho de uma mudança histórica que testemunha no próprio processo de realizá-la”. (ARROJO, 1993, p. 77). Isso significa que, ao passar um texto de uma língua para outra, o tradutor está introduzindo esse texto a novas culturas, garantindo, assim, a sua sobrevivência.

Outra referência feita em *Tradução, Desconstrução e Psicanálise* diz respeito ao ensaio de Lori Chamberlain, no qual a marginalidade da tradução é associada à figura da mulher numa sociedade patriarcal, pois, nela, a mulher tem um papel secundário e lhe falta reconhecimento. Dessa forma, o papel do “pai” na sociedade seria comparado ao do texto original, enquanto que o da “mãe” seria comparado ao da tradução. Já numa visão desconstrutivista, o signo da paternidade, segundo Arrojo, seria, no mínimo, duplo.

Ainda na mesma obra, Rosemary Arrojo cita a tradução de Horácio, feita por Thomas Drant, na qual o tradutor afirma ter raspado-lhe os cabelos e cortado-lhe as unhas, eliminando-lhe a vaidade e o supérfluo. Considerando essas palavras, Arrojo pondera que pode-se perceber, a partir de um desejo de fazer sobreviver o texto original, que o tradutor assume um “desejo de conquista e de apropriação implícito em qualquer ato tradutório” (ARROJO, 1993, p. 80), ainda que o tradutor venha a assumir que, ao menos, não alterou suas intenções, como fez Drant, assumindo um caráter fiel às intenções do autor.

A tradução técnica, estilo que será realizado ao longo deste trabalho, requer grande conhecimento do vocabulário da área a que o texto se refere, bem como da etimologia e das palavras da língua para a qual o texto será traduzido, para que o tradutor possa desenvolver seu trabalho utilizando os termos mais evoluídos dessa língua.

Muitos são os métodos para que se possa fazer escolhas que transmitam de melhor forma a realidade de uma língua para outra. Na escala gradativa desenvolvida por Peter Newmark, encontram-se os diversos tipos de tradução, que podem ter ênfase tanto na língua fonte quanto na língua alvo:

- Ênfase na língua fonte

- Tradução palavra por palavra: as palavras da língua fonte são traduzidas individualmente e fora de contexto, podendo ser indicada como um processo pré tradutório;

- Tradução literal: processo muito semelhante ao utilizado na tradução palavra por palavra;
- Tradução fiel: nesse tipo de tradução, tenta-se reproduzir o significado contextual dos termos utilizados na língua fonte dentro das estruturas gramaticais da língua alvo;
- Tradução semântica: assemelha-se à tradução fiel, mas é mais flexível e permite maior criatividade por parte do tradutor.

- Ênfase na língua alvo

- Adaptação: utilizada principalmente em peças teatrais (comédias) e na poesia, é o tipo “mais livre” de tradução. Os temas e os personagens são preservados, a cultura da língua fonte é convertida para a cultura da língua alvo e o texto é reescrito;
- Tradução livre: o tradutor reproduz o conteúdo expresso no texto original, sem ter compromisso com a sua forma;
- Tradução idiomática: a mensagem contida no texto original é passada ao texto traduzido. No entanto, o significado pode ficar comprometido devido aos coloquialismos e expressões idiomáticas que seus praticantes inserem na tradução que produzem e que, muitas vezes, não existem no original;
- Tradução comunicativa: nessa tradução, o significado contextual do original é interpretado de forma exata. Assim, tanto o conteúdo quanto a língua são compreensíveis ao público leitor.

O tradutor

Alguns profissionais exercem o ofício da tradução paralelamente, realizando-o algumas horas por dia, por semana ou até por mês: trata-se de professores, escritores ou editores que trabalham cotidianamente, mas que, ao final do expediente ou aos finais de semana, traduzem textos, às vezes por esta ser uma atividade remunerada, e às vezes por puro divertimento.

Outras pessoas, todavia, traduzem em período integral e não se cansam do que fazem. Dessa forma, podem adquirir várias facetas distintas, “tornando-se” médicos, advogados, poetas, ainda que brevemente e diante da tela do computador. É correto dizer, então, que tanto o tradutor quanto o intérprete possuem algo de ator consigo. Além disso, ao longo da prática da tradução, eles desenvolvem uma notável capacidade de

memorização, a qual lhes permite recordar uma palavra numa língua estrangeira que ouviram apenas uma vez.

Independente da forma como uma pessoa pratica o ofício da tradução, para que ela possa fazê-lo, são necessários alguns requisitos: o prazer pela leitura de diferentes tipos de livros (ficcionais e não ficcionais, técnicos, humanísticos) em várias línguas; o prazer por viagens ao exterior – para que possa, de fato, conhecer outras línguas e culturas diferentes das suas – e, acima de tudo, uma estreita atenção na maneira como as pessoas utilizam a linguagem, como o médico, o bombeiro, o professor, um grupo de amigos conversando descontraidamente, assim como a diferença que se dá na linguagem considerando diferentes classes sociais nela inseridas.

O tradutor, para que possa executar sua função de forma a produzir um trabalho válido e esclarecedor, deve ter conhecimento de um conjunto de saberes referentes ao ofício que exerce, tais como o melhor estilo de tradução a ser seguido, a cultura pertinente tanto à nação na qual o texto na língua fonte foi originado quanto à nação em que vive, até que ponto ele pode modificar o texto da língua fonte, as notas de tradução e as demandas das editoras para as quais ele vai trabalhar. A tradução, portanto, não consiste só em um produto final, mas também no processo do ato tradutório.

Se for levada em consideração a perspectiva logocêntrica, ao tradutor cabe uma tarefa impossível, isto é,

“a expectativa de que não seja apenas invisível e inconspícuo, mas de que possa também colocar-se na pele, no lugar e no tempo do autor que traduz, sem deixar de ser ele mesmo e sem violentar a sintaxe e a fluidez de sua língua, de seu tempo e de sua cultura.” (ARROJO, 1993, p. 73)

Em *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*, Rosemary Arrojo demonstra reconhecimento em relação à figura do tradutor, afirmando que este, de fato, possui uma identidade no texto, uma presença autoral, diferente do que acontece com a figura do tradutor logocêntrico, o qual não tem atuação expressiva no texto em que está traduzindo, apenas passa significados da língua de partida para a língua de chegada. Isso acaba trazendo consequências para a total compreensão do conteúdo do texto por parte dos leitores. Além disso, esses leitores buscam um texto cuja leitura seja semelhante à leitura de um texto original – daí a importância do tradutor em interpretar o texto, fazer as

modificações necessárias a ele, pesquisar atentamente a melhor tradução para tal palavra ou expressão. Sendo assim, seguindo a perspectiva desconstrutivista, sempre haverá marcas do tradutor no conteúdo do texto traduzido.

Notas de tradução

A inserção de notas feitas pelo tradutor trata-se de um recurso válido e constantemente utilizado. Estas podem estar localizadas tanto no início e no final da obra (apresentando um comentário do tradutor acerca do desempenho de sua função), quanto ao longo da obra (que são as chamadas “notas de rodapé”, e que apresentam um caráter explicativo referente a algum termo expresso no texto original que foi – ou não – traduzido, e que servem para auxiliar o leitor).

O autor

O que deve, sobretudo, ser levado em conta é o estio individual do autor cujo texto irá ser traduzido. Cada pessoa em particular, a partir do momento em que escreve frases interligadas formando um sentido entre si, reproduz nelas não só a forma como escreve e as escolhas lexicais que julga se enquadrarem melhor para a perfeita compreensão de seu texto, mas reproduz também a sua própria maneira de pensar e a visão do mundo que o cerca. Ao tradutor, cabe a tarefa de passar para a língua alvo o estilo abordado pelo autor do texto, traduzindo-o da forma mais fiel possível, mas fazendo as modificações necessárias para a total compreensão do texto.

De acordo com Arrojo, autor e tradutor ocupam papéis distintos também no *front* socioeconômico, pois, ao primeiro, se dá mais reconhecimento, uma vez que é o próprio criador de seus direitos autorais, enquanto que ao segundo é concebida “uma função meramente mecânica e coadjuvante” (ARROJO, 1993, p. 79). Para complementar, afirma que é a partir de concepção logocêntrica atribuída ao tradutor que se pode justificar “políticas trabalhistas injustas” (ARROJO, 1993, p. 79).

Considerações Finais

Por meio das considerações de Rosemary Arrojo – como também das considerações dos teóricos e tradutores que ela cita em suas obras –, pôde ser assumida uma postura de

fideliidade, mas também de interpretação, ou seja, uma postura que pesquisa, que busca a melhor palavra, a melhor expressão para o termo da língua de partida a ser traduzido para a língua de chegada, e que contribua para a melhor compreensão possível do texto por parte dos leitores, uma vez que, como diz Arrojo, as pessoas lêem o texto como se este fosse o original, e não a tradução do mesmo, já que não têm acesso ao texto escrito em primeira instância, isto é, à sua versão original. Desta forma, a tradução, como prega a teoria desconstrutivista, deve levar em consideração o público leitor, a época em que o texto é traduzido e o lugar onde é traduzido para que o trabalho realizado possa ser feito da melhor forma possível.

Assim como diz Rosemary Arrojo, quanto mais visível for a presença do tradutor no texto traduzido, menor será a possibilidade de que seja ignorado pela sociedade para a qual é destinada a sua tradução, até porque, desta forma, o público leitor pode perceber o quanto o tradutor se esforçou para que o texto pudesse ser traduzido da melhor maneira possível, assumindo uma relação de fidelidade ao mesmo tempo em que procura moldar a sua tradução de forma que todos possam compreender perfeitamente a mensagem passada pelo texto original.

Referências Bibliográficas

- _____, Admin. *A Importância dos Tradutores na História e na Sociedade*. <http://www.plannertraducoes.com.br/index.php/a-importancia-dos-tradutores-na-historia-e-na-sociedade/#more-207>. Acessado em: 29/05/2010.
- ARROJO, Rosemary. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Editora Ltda, 1993, p. 71-86.
- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução*. São Paulo: Ática. Série Princípios, 2005.
- COMELLAS, Pere. *Autoria contra tradução ou tradução como autoria: Milan Kundera, Jorge Luis Borges e o fim do indivíduo*. <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/13174/12215>. Acessado em: 29/05/2010.
- MUCCI, Latuf Isaias. *TRADUÇÃO*. <http://www2.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/T/traducao.htm>. Acessado em: 29/05/2010.
- NEWMARK, Peter. *A Textbook of Translation*. London: Prentice Hall, 1988.
- ROBINSON, Douglas. *Becoming a Translator: An Accelerated Course*. New York: Routledge, 1997.